

## A CARTOGRAFIA E A CIDADANIA

Ana Rosa do Carmo Iberti\*

**Resumo:** *Este é um estudo sobre a importância da Cartografia nas aulas de Geografia como facilitadora para a compreensão da dinâmica espacial e sua organização, que se dá tanto em nível local quanto nacional ou global, onde a paisagem é modificada cotidianamente em decorrência da atividade humana ou por causas naturais, de forma a incitar direta ou indiretamente mudanças no modo de vida da população.*

**Palavras-chave:** Espaço-vivido; Lugar; Modo de vida.

“Me mostra um geógrafo que não precise dos mapas constantemente e terei dúvidas dele ter feito a boa escolha de vida para ele. Os mapas comunicam através das barreiras da língua”.  
Caarl O. Sauer (1956)

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo utilizar a Cartografia como facilitadora para a compreensão do espaço vivido, pois a partir do momento que se conhece o próprio espaço de vivência fica mais fácil o entendimento da realidade vivida.

## DESENVOLVIMENTO

A Cartografia é uma ciência e ao mesmo tempo uma técnica; pode ser entendida como uma arte em levantar dados, redigir e divulgar mapas. Através dos símbolos, a Cartografia faz parte da história dos homens, pois desde o princípio eles precisavam demarcar seus caminhos, os lugares com abundância de comida. Faziam isso, inicialmente, através da mente, da memória, desenhavam nas paredes das cavernas, mais tarde usaram a argila, bambu, pergaminho e papel. Atualmente, com as modernas tecnologias os homens usam computadores e satélites.

A longa história da Cartografia reflete a importância desta para os homens de todos os períodos históricos, pois as questões espaciais, para serem entendidas e resolvidas, necessitam da utilização de instrumentos cartográficos. Por isso, dentro do ensino da Geografia, o estudo da Cartografia deve ser destaque, uma vez que este estudo revela como é feita a apropriação, construção e a re-construção do espaço geográfico.

O mapa é uma simplificação da realidade, confeccionada a partir da seleção de elementos representados por símbolos e sinais apropriados, favorecendo a conscientização do ser humano de seu papel enquanto sujeito que interage com o mundo em que vive.

A importância da Cartografia é inquestionável, neste caso a Cartografia Escolar, ferramenta básica da Geografia, cuja linguagem gráfica – o mapa – permite que os alunos avancem na leitura, interpretação e representação do espaço vivido. A esse respeito, os PCNs de Geografia afirmam que:

---

\* Licenciada em Geografia pela Universidade Católica do Salvador (UCSAL) e mestranda em Geografia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: [anaiberti@hotmail.com](mailto:anaiberti@hotmail.com).

A Cartografia é um conhecimento que vem se desenvolvendo desde a pré-história até os dias de hoje. Esta linguagem possibilita sintetizar informações, expressar conhecimentos, estudar situações, entre outras coisas, sempre envolvendo a idéia de produção do espaço: sua organização e distribuição. (Brasil, PCNs de Geografia, 1998, p.33)

Não é preciso freqüentar a Escola para comungar a Geografia e suas ramificações. É percebida e aprendida por força do cotidiano, do espaço vivido de cada cidadão. É uma realidade objetiva, um saber vivido e aprendido pela própria vivência. Um saber que põe o homem em contato direto com o mundo exterior, com o todo e com cada um dos elementos, a um só tempo.

Parte-se, por exemplo, do modo como normalmente é formado o conhecimento geográfico. Um determinado grupo humano reside em uma cidade, que possui diferentes lugares, que são ligados por ruas, avenidas, estradas, entrecruzam-se através das artérias que os põem em comunicação. De diferentes lugares são extraídos recursos que em diferentes localidades são transformados em objetos úteis e que são intercambiados entre diferentes homens, de diferentes lugares. Uma combinação de lugares e relações entre lugares tece uma unidade do espaço, o espaço geográfico, constituindo o espaço de vivência dos homens, com características próprias que variam de acordo com os interesses econômicos, políticos, sociais e culturais.

Os seres humanos, através das suas experiências, transformam o mundo natural em um mundo humano, devido ao seu engajamento direto enquanto seres pensantes, com sua realidade sensorial e material. A construção e a reconstrução da vida material são, necessariamente, uma arte coletiva, mediada na consciência e sustentada através de códigos de comunicação – os símbolos. Essa apropriação simbólica do mundo produz estilos de vida distintos e, conseqüentemente, espaços vividos / mundos vividos também distintos.

O espaço vivido / mundo vivido possui o mesmo significado, podendo ser um cenário natural ou artificial. É um ambiente que provê sustento e tem a função de emoldurar a existência da vida diária. Nele encontramos diversos tipos de espaço, principalmente os construídos pelo homem que expressam intenções e significados humanos.

Segundo RELPH, espaço é:

Aquele mundo de ambigüidades, comprometimentos e significados no qual estamos inextricavelmente envolvidos em nossas vidas diárias, mas o qual tomamos por muito certo. É um mundo em acentuado contraste com o universo da ciência, com seus padrões e relações cuidadosamente observados e ordenados, e no qual uma rua é um pouco mais do que um espaço vazio entre duas linhas no mapa. (RELPH, 1979, p.3).

Sendo assim, é correto afirmar que a Geografia atualmente é mais vivida do que expressada. É nos ambientes onde vive e através das relações com os lugares, no curso de sua vida e no movimento de coisas e pessoas que o homem externa sua ligação fundamental com o mundo.

Todos os espaços são determinantes e determinados para/pelo movimento da sociedade e dos seus modos de produção, resultando de movimentos superficiais e de fundo da sociedade, uma realidade de funcionamento unitário, mas ao mesmo tempo um mosaico de relações, de formas, de funções e de percepções, que nos permite aqui adentrar nos paradigmas da Geografia Humanística Cultural e da Geografia Marxista.

Uma Geografia Humanística considera a cultura como central para compreender o mundo vivido de grupos humanos, enquanto que a Geografia Marxista deve reconhecer que o mundo vivido, apesar de simbolicamente constituído, é material e não deve negar sua objetividade. O mundo vivido não é mero produto da consciência humana irrestrita, mas é a combinação de sujeito e objeto, da consciência e do mundo material.

É importante ressaltar que as bases fenomenológicas da realidade são formadas por três pilares: espaços, lugares e paisagens, que são características do mundo vivido.

Não existem limites precisos a serem traçados para distinguir espaço, paisagem e lugar como elementos do mundo vivido. Nem a relação entre eles é constante, pois lugares possuem paisagens, paisagens têm lugares e, por sua vez, espaços também têm lugares. O lugar pode ser considerado como o mais preciso culturalmente porque focaliza espaço e paisagem em torno das intenções e experiências humanas. É possível conhecer o mundo precocemente através e a partir dos lugares nos quais se vive e que possuem algum laço sentimental. Sendo assim, os lugares são existenciais e uma fonte de auto-conhecimento e de responsabilidade social.

Os espaços não são vazios abandonados aos quais se atribuem, por vezes, qualidades e significados, mas são os contextos necessários e significantes de todas as intenções e proezas humanas. Ele não é somente apreendido através dos sentidos, ele é a projeção da personalidade e é ligado ao ser humano através de limites emocionais. Não é somente percebido, sentido ou representado, ele é mais do que isso, é vivido. E porque ele é vivido deve existir tantos espaços quantos forem as experiências espaciais, ou tantas forem suas qualidades e significações.

Dessa maneira, consiste em uma “geografização” do movimento estrutural da sociedade, que se traduz espacialmente em novas formas e funções e estas, ao se combinarem para atender as necessidades geradas pelos “efeitos” de reestruturação dos processos de organização das relações sociais, produzem o espaço. Neste caso, a idéia de produção do espaço torna-se prisioneira de sua conotação técnica e econômica e adquire a noção de fabricação repetitiva de formas e geração de movimentos.

A produção do espaço consiste, então, na realização prática de produção de objetos “geograficizados”, segundo uma dada lógica econômica, e destinam-se a cumprir funções diferenciadas em sintonia com as necessidades de reprodução das relações sociais de produção e da divisão social do trabalho.

Não existem simples generalizações que possam ser feitas sobre os modos pelos quais as pessoas se relacionam com o lugar. Os lugares para cada cidadão são únicos e têm suas particularidades que são determinadas por suas paisagens e espaços individuais. Cada pessoa está sempre dentro de um lugar que é colorido por intenções, vontades e experiências, que se modificam de acordo com seus interesses. Neste caso, o lugar é o bairro, já que o propósito desta pesquisa está relacionado a bairros populares da Cidade do Salvador.

De acordo com RELPH, o lugar pode ser compreendido da seguinte maneira:

Lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas o tipo de experiência e envolvimento com o mundo, à necessidade de raízes e de segurança. (RELPH, 1979, p.17).

Para o ser humano, a realidade geográfica é primeiramente o lugar que está, os lugares de sua infância, o ambiente que lhe traz recordações ou que sensibiliza-o de alguma maneira. É a terra onde ele planta, a rua onde mora ou um ambiente que gosta de frequentar. Desse modo, existem lugares e não simplesmente lugar, e enquanto há consistências em nossa maneira de conhecê-los, e como todo lugar é, em algum sentido, um centro, por isso, torna-se incorreto dizer que para qualquer pessoa a fixação no lugar está relacionada com o tempo de permanência.

O lugar é ímpar, bem diferente da paisagem que é construída com objetivo e características próprias e pode ser percebida, pois está no domínio do visível.

Segundo o professor Milton Santos, paisagem é:

Tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a visão abarca. Não é formada apenas de volume, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc. (SANTOS, 1994, p.61).

O pensamento de Milton Santos é reafirmado por Cosgrove, que diz:

É uma ‘maneira de ver’, uma maneira de compor e harmonizar o mundo externo em uma ‘cena’, em uma unidade visual. (COSGROVE, in CÔRREA e ROSENDAHL, 1998, p.98).

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso, o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda educação formal ou informal é feita de forma seletiva, pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato.

A percepção é um processo seletivo de apreensão. Se a realidade é apenas uma, cada pessoa a vê de forma diferenciada; dessa maneira, a visão pelo homem das coisas materiais é sempre deformada. A tarefa é ultrapassar a paisagem como aspecto, para chegar a seu significado. A percepção não é ainda o conhecimento, que depende de sua interpretação e esta será tanto mais válida quanto mais limitarmos o risco de tomar por verdadeiro o que é só aparência.

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e de agentes. Quanto mais complexa a vida social, tanto mais se distancia de um mundo natural e se envolve em mundo artificial.

Uma paisagem é desenhada sobre uma outra já existente, onde um conjunto de objetos com idades e formas diferentes se relacionam. Ela não é eterna, é objeto de mudanças. Resulta de adições e subtrações sucessivas, sendo uma espécie de marca da história do trabalho das técnicas. Por isso, é correto afirmar que a paisagem é parcialmente trabalho morto, já que esta é formada por elementos naturais. Daí vem a relação sociedade X natureza, onde a primeira retira da segunda bens necessários para atender as suas necessidades. As paisagens vão variar conforme as condições econômicas, políticas e culturais, ou seja, as paisagens nunca são iguais, elas são fruto das características de cada sociedade.

O bairro, por exemplo, não consiste apenas de uma porção física e de seus referentes materiais, mas é constituída, sobretudo, pelas pessoas que o habitam e por todo o universo de afetividades, significados e visões de mundo envolvidos no desenrolar de suas vidas cotidianas. Parte-se do pressuposto de que não existe bairro, se não existe comunidade, e não existe comunidade, se não existe cultura. E a cultura é o objeto primordial da investigação.

As imagens que os moradores de um bairro carregam consigo sobre seus lugares, suas ruas e avenidas são fortemente embebidas de recordações e significados de suas experiências ali vividas. Neste sentido, remete-se aqui ao conhecimento do bairro não apenas como obra individual, pois cada cidadão vivencia experiências únicas, mas coletiva, na medida em que compartilha valores e significados com comunidades e redes de relações. Essa multiplicidade de sentidos que um mesmo bairro contém para os seus moradores está ligada sobretudo ao que se denomina de imaginação criadora, função cognitiva que ressalta a fabulação como vetor a partir do qual todo homem conhece o mundo que habita. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, é um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação.

É assim, através da perspectiva antropológica da compreensão do espaço enquanto espaço vivido, que existem incontáveis perspectivas através das quais se conhece um bairro, uma vez que as pessoas, em seus trajetos, percursos e vivências cotidianas, acabam por relacionar-se afetivamente com certos espaços urbanos, desenvolvendo um conhecimento próprio e sui generis

sobre eles. Isso significa que um mesmo espaço pode ser interpretado de diferentes maneiras por grupos que dele usufruem.

O mundo vivido de um grupo humano direciona o seu desenvolvimento através do seu modo de vida, da forma como produzem o seu “mundo”. Os seres humanos transformam o mundo natural em um mundo humano, através de seu engajamento direto enquanto seres pensantes, com sua realidade sensorial e material. O modo de produção é modo de vida, considerando as bases materiais que são criadas pelos seres humanos intencionalmente para atender suas necessidades.

Para se compreender a relação existente entre o modo de vida e o modo de produção, Cosgrove define da seguinte maneira:

O modo de produção não deve ser apenas considerado simplesmente como sendo a reprodução da existência física dos indivíduos. É em vez disso, uma forma definida de atividade desses indivíduos, uma forma definida de expressar sua vida, um ‘modo de vida’ definido da parte deles. (COSGROVE, in CÔRREA e ROSEDAHL, 2003, p. 105).

A relação entre paisagem e modo de produção está em cada forma produtiva que necessita de um instrumento de trabalho, onde esta se organiza segundo os níveis de circulação, distribuição e consumo, na medida em que as exigências do espaço variam em função dos processos próprios de cada produção e ao nível de capital, tecnologia e organização correspondentes.

O modo de produção é definido de acordo com os interesses e recursos disponíveis por cada sociedade. Cada grupo definirá o que, onde, o quanto, como e para quem produzir de acordo com os seus objetivos. É a partir das características dos objetos produzidos que será formada a maneira como as pessoas vivem, pois elas se adaptam ao que produzem e produzem o que é importante para o seu bem-estar.

Incentivados pela necessidade de produzir para atender os seus desejos e as suas necessidades, como uma maneira de construir o seu “mundo”, com as suas características próprias, o ser humano deixa de ser um cidadão e passa a ser um consumidor insatisfeito, dependente do consumo de adquirir novos objetos, ele nunca está satisfeito com o que possui, está sempre “antenado” com as novas inovações tecnológicas. A comunicação entre as pessoas é frequentemente intermediada por coisas, característica fundamental de uma sociedade capitalista, que só está preocupada com o lucro e com a obtenção de bens, deixando para trás a prática da igualdade, da fraternidade e da cidadania.

O professor Milton Santos é bastante preciso ao definir o que é ser um cidadão:

O respeito ao indivíduo é a consagração da cidadania, pela qual uma lista de princípios gerais e abstratos se impõem como um corpo de direitos concretos individualizados. A cidadania é uma lei da sociedade que, sem distinção, atinge a todos e investe cada qual com a força de ser respeitado contra a força, em qualquer circunstância. (SANTOS, 1987, p. 7).

Como fruto de uma sociedade capitalista, onde muitos não têm direito a nada – já que tem que se pagar para ter direito a um sistema de saúde de qualidade, a boas escolas, a água, a luz, a telefone, a moradia, a alimentação, ao trabalho, ao lazer, a segurança, ou seja, o que deveria ser disponibilizado pelo Estado tem que ser “comprado” por aquele a quem se quer chamar de cidadão, resultando disso as desigualdades sociais e regionais que são definidas com base nos aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais de cada lugar como mundo vivido / espaço vivido.

## CONCLUSÃO

O objetivo do presente trabalho é mostrar como a Cartografia pode ajudar na percepção do espaço vivido por pessoas de qualquer faixa etária e que, a partir daí, fica mais fácil entender a situação de cada lugar.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Silvana de. **Geografia e Formação: Pensando a nossa / vossa prática**. Artigo elaborado para participação em Mesa-Redonda, no Encontro de Licenciatura do CEUD/UFMS, 2001.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Uma Proposta Metodológica para a Compreensão de Mapas Geográficos**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de. **Do Desenho ao Mapa: Iniciação Cartográfica na Escola**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- ALMEIDA, Rosângela Doin de e PASSINI, Elza Yasuko. **O Espaço Geográfico Ensino e Representação**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. 3ª Ed. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALLAI, H.C. Estudar o lugar para Compreender o Mundo. In: CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino de Geografia: Práticas e Textualizações no Cotidiano**. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002, p.83-131.
- CASTRO, I.E.de.et.al. O Problema da Escala. **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro. Editora Bertrand Brasil, 1995.
- CASTROGIOVANNI, A. C. (org.). **Ensino e Práticas de Ensino**. Goiânia: Editora Alternativa, 2002.
- CAVALCANTI, L.S. **Geografia e Práticas de Ensino**. Goiânia: Editora Alternativa, 2002.
- COSGROVE, Denis. **Em direção a uma Geografia Cultural Radical: Problemas da Teoria**. In: CÔRREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) Introdução à Geografia Cultural. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2003, p.103 / p.105).
- COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CÔRREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.) **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Uerj, 1998, p.98.
- FONSECA, Fernanda Padovesi e OLIVA, Jaime Tadeu. A Geografia e suas Linguagens: o Caso da Cartografia. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri (org.). **A Geografia na Sala de Aula**. São Paulo: Editora Contexto, 2001. Cap.5, p.62-78.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 10ª Edição, 1999.

JARDIM, R.P.B. **A geografia que se Ensina se Aprende**. Boletim Pedagógico, Juiz de Fora: Faculdade de Educação, PROEB, 2001.

MOREIRA, Ruy. **O que é Geografia?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

RELPH, Edward. **As Bases Fenomenológicas da Geografia**. Geografia. Rio Claro, v.4, n.7, abril de 1979, p.3 / p.17.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. São Paulo: Editora Nobel, 1987, p.7.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do Espaço Habitado**. São Paulo: Editora Hucitec, 1994, Cap.5, p.61.

SERPA, Angelo. **Percepção e Fenomenologia: em busca de um método humanístico para estudos e intervenções do/no lugar**. OLAM – Ciência e Tecnologia. Rio Claro, 2001, vol,1, nº 2. SOJA, Edward. **Geografias Pós-Modernas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993, Cap.2, p.57-144.

VESENTINI, José William. **O Ensino da Geografia no Século XXI**. Caderno Prudentino de Geografia. São Paulo, 1995.

VLACH, Vânia R. F. **O Ensino da Geografia no Brasil: uma Perspectiva Histórica**. In:

VESENTINI, José William (org.). **O Ensino da Geografia no Século XXI**. São Paulo: Editora Papyrus, 2004.

VLACH, Vânia R. F. **A Geografia em Construção**. São Paulo: Editora Lê, 1991.